

## O Algarve nos relatos de viajantes

Ana Catarina Ramos (\*)

“De Faro pusemo-nos a caminho de Tavira [...]. Caminhámos por uma soberba plana, que nos apresentava campos de trigo vedados por numerosas sebes, amendoeiras misturadas com árvore-pão de S. João, a romãzeira, a figueira e a oliveira, tendo o oceano á direita e, á esquerda a alguma distância, a serra do caldeirão. Uma hora depois do pôr do sol, chegámos a Tavira, a Balsa dos tempos antigos.” (Costigan, Cartas sobre a sociedade e os costumes de Portugal, 1778-1779, Vol. I, 1898, p. 51).

Os textos produzidos pela literatura de viagens são fundamentais para a compreensão da evolução histórico-cultural, das alterações na paisagem e no território, das transformações das mentalidades, e um auxiliar na definição da identidade de uma região ou de um país.

Neste sentido, vale a pena debruçarmos a nossa atenção sobre relatos de viajantes estrangeiros que, no século XVIII, visitaram o nosso país, em particular o Algarve, e sobre ele escreveram, deixando-nos testemunho de tais experiências.

Portugal tinha, até então, uma imagem pouco positiva no resto da Europa, considerado atrasado e mal organizado, com uma nobreza de extrema arrogância e um povo supersticioso e subjugado pelas correntes dogmáticas do clero e da Inquisição. Após o terramoto de 1755 e as reformas de Pombal, Portugal começou a atrair um maior número de viajantes estrangeiros, nomeadamente ingleses, franceses e alemães.

O Algarve, hoje uma região predominantemente turística, era à época uma das zonas mais periféricas de Portugal, isolada e pobre. Valeu-lhe a localização geográfica como porta de entrada marítima e terrestre, uma cultura própria e gente hospitaleira.

Mas que imagens ressaltam do Algarve naqueles testemunhos?

Em linhas gerais uma região de exótica beleza natural mas isolada por sucessivas serras que faziam da viagem ao Algarve um desafio, para além de dispendiosa. Na maior parte das vezes o percurso era realizado pelo Guadiana como escrevia Giuseppe Gorani: “Tomei o partido mais económico: seguir para Mértola, subindo o Guadiana.” (in A corte e o país nos anos de 1765 a 1767).

Os textos divergem consoante os interesses dos viajantes, uns referem as enormes riquezas naturais da território, como é o caso de Heinrich Link (1767-1851), naturalista, que salienta a pesca e a apanha de bivalves como principais actividades, assim como a produção de figos. Descreve uma paisagem marcada por pomares, laranjeiras, limoeiros, oliveiras, amendoeiras e a alfarrobeira, que considera a mais bela árvore europeia.

Outros, como Giuseppe Gorani (1740–1819), aventureiro e espião, atentam para o carácter do algarvio que caracteriza como pobre e menos refinado, mas trabalhador, humilde, hospitaleiro e asseado. Ao que Link, acrescenta: astutos, excelentes marinheiros e dotados de um sentido de humor mordaz idêntico ao dos castelhanos. Noutra perspectiva, William Costigan (1734-?), militar, relata fragilidades, refere o mau aproveitamento de alguns dos recursos naturais, os campos incultos e abandonados, um comércio débil e dinamizado sobretudo por ingleses que exportavam maioritariamente “figos e amêndoas, alguns vinhos, laranjas, cortiça e sumagre” e os caminhos difíceis ou a inexistência dos mesmos condicionando o comércio e o desenvolvimento.

Estes olhares que sobre o Algarve recaíram, supostamente mais imparciais que os nossos, quando complementados com escritos de autores portugueses, constituem valiosos testemunhos para melhor compreender a identidade da região.

(\*) Técnica Superior de Património. Sócia da AGEAL